



Revista Eletrônica de Filosofia  
*Philosophy Eletronic Journal*  
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 16, nº. 2, julho-dezembro, 2019, p.155-164  
DOI: 10.23925/1809-8428.2019v16i2p155-164

## CONSERVADORISMO: CETICISMO E ANTI-RACIONALISMO POLÍTICO

**Pablo Fernando Campos Pimentel**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)  
pablo.pimentel@edu.pucrs.br

**Resumo:** Este artigo procura apresentar uma visão qualificada acerca do ceticismo político em pensadores de tradição de língua inglesa denominados conservadores. Essa tradição de pensamento demonstra uma profunda desconfiança com respeito ao que é possível em termos de aprimoramento humano no que tange a esfera da política. É possível conceber esse ceticismo como herdeiro de um ceticismo epistemológico, como o de Hume. Perceberemos que o ceticismo e anti-racionalismo de Edmund Burke inspirou obras como a de Michael Oakeshott, que levanta a discussão a respeito de duas vertentes políticas, diferentes daquelas comumente debatidas, a saber, aquilo que este denominou política da fé e política do ceticismo. Delimitando, assim, os últimos quinhentos anos de história da Europa como sendo fruto da flutuação entre um polo e outro.

**Palavras-Chave:** Ceticismo. Conservadorismo. Política da fé. Política do ceticismo.

### **CONSERVATISM: SKEPTICISM AND POLITICAL ANTI-RATIONALISM**

**Abstract:** *This article seeks to present a qualified view of political skepticism in conservative Anglo-Saxon and North American thinkers. This tradition of thinking demonstrates a deep distrust of what is possible in terms of human improvement in the sphere of politics. It is possible to conceive of this skepticism as heir to an epistemological skepticism such as Hume's. We will see that Edmund Burke's skepticism and anti-rationalism inspired works such as Michael Oakeshott's, which raises the discussion about two political strands, different from those commonly debated, namely what he called politics of faith and the politics of the skepticism. Thus delimiting the last five hundred years of European history as the result of the fluctuation between one pole and another.*

**Keywords:** *Skepticism. Conservatism. Politics of faith. Politics of skepticism.*

\* \* \*

### **1. Introdução**

Este estudo tem por objetivo apresentar o ceticismo e o anti-racionalismo, componentes essenciais da visão conservadora. Ao nos referirmos ao ceticismo, é justo pensar no ceticismo epistemológico. O ceticismo epistemológico tem raiz em Pirro de Élis (365 – 270 a.C.), que tem como principal representante o médico e

filósofo grego, Sexto Empírico (século II), ganhando mais recentemente uma nova abordagem na modernidade com o escocês David Hume (1711 – 1776).

O que está por trás da concepção cética em epistemologia é a ideia de que, de fato, aquilo a que chamamos de conhecimento é, em boa parte do tempo, muito frágil ou, mera opinião. Portanto, estar de posse de conhecimento, para um cético, é algo muito difícil.

Essa concepção, ganha, principalmente em Hume, uma roupagem que abrange o campo da moral e mais tarde com outros pensadores anglo-saxões, a política também.

Na política, o ceticismo se apresenta de forma prática e não teórica. Isso quer dizer que, na política o ceticismo é uma forma específica de conduta, um tipo de comportamento frente às decisões que envolvem os rumos de uma nação.

Poder-se-ia dizer que em política, a visão cética se apresenta como uma forma pessimista de compreensão da natureza humana, se dando em uma recusa por projetos de aperfeiçoamento social, ou, como também conhecidos, projetos de engenharia social. Também conhecidas como políticas “progressistas”, essas políticas acreditam que mediante a criação de leis é possível aperfeiçoar a natureza humana, resultando em um Estado ou sociedade ideais.

Trará grande benefício para nossa discussão esclarecer acuradamente o que se quer dizer e o que se entende por conservador e conservadorismo.

## 2. O conservador e o contrato

É preciso iniciar a exposição definindo o que seja ser *conservador*. Segundo Oakeshott (2016, p. 137):

Ser conservador é, pois, preferir o familiar ao estranho, preferir o que já foi tentado a experimentar, o fato ao mistério, o concreto ao possível, o limitado ao infinito, o que está perto ao distante, o suficiente ao abundante, o conveniente ao perfeito, a risada momentânea à felicidade eterna.

Percebe-se que a definição de conservadorismo e conservador se entrelaçam na concepção de Oakeshott. Dá a entender que é preferível aparar as arestas em vez de buscar a perfeição.

Ao trazermos para o debate o ceticismo, que é componente fundamental da visão conservadora, não podemos deixar de clarear o fato de que, ao passo que o conservador observa aquilo que o ser humano poderia promover em termos de aprimoramento moral, social e político, por outro lado, o *liberal*<sup>1</sup>, ou, “progressista”

---

<sup>1</sup> É de extrema importância diferenciarmos os usos existentes para a palavra “liberal”. O termo *liberal* como compreendido em seu sentido clássico, não deve ser confundido com liberal-progressista (liberal na tradição norte-americana). O Liberal em sentido clássico compreende aquela tradição de pensadores como John Locke e Adam Smith, pais do Liberalismo político e econômico. Essa visão compreende a defesa das liberdades individuais, econômica e o respeito à propriedade privada. Boa parte dos liberais clássicos veem com muita simpatia a mentalidade conservadora. Por outro lado, a tradição liberal norte-americana, em que o termo “liberal” é traduzido para o português por

crê profundamente na capacidade em se aperfeiçoar a natureza humana rumo a uma sociedade ou Estado perfeito.

Obviamente a crença em um aperfeiçoamento infinito na natureza humana causa certo receio no indivíduo de mentalidade conservadora. A premissa básica do pensamento conservador é justamente a recusa de que se possa moldar a natureza do ser humano e aperfeiçoá-lo até que não haja mais necessidade.

Segundo Thomas Sowell (2011, p. 99):

A rough summary of the vision of the political left today is that of collective decision-making through government, direct toward – at least rationalized by – the goal of reducing economic and social inequalities.

A definição de Sowell é muito clara e objetiva quanto ao papel que os progressistas impõem ao Estado, a saber, o de reduzir as desigualdades econômicas e sociais existentes. E isso só é possível por meio de políticas progressistas, que buscam mediante a criação de legislações a construção de uma sociedade aperfeiçoada.

As pretensões dos conservadores com relação ao papel do Estado podem se dizer que são bem modestas. Conforme BURKE (2014, p. 115):

A sociedade é, certamente, um contrato. Contratos de natureza inferior que recaem sobre objetos de mero interesse ocasional podem ser desfeitos à vontade; mas o Estado não deveria ser considerado em pé de igualdade com um acordo de parceria em um comércio da pimenta, do café, do algodão, do tabaco ou em qualquer outro negócio inferior dessa espécie, uma sociedade instituída para a satisfação de um interesse temporário e dissolvida de acordo com o desejo das partes? Certamente que não. Deve ser encarado com outra reverência, porque não se trata de uma parceria em coisas inferiores apenas para satisfação da grosseira existência animal de uma natureza efêmera e perecível. O Estado é uma associação que participa de todas as ciências, todas as artes, todas as virtudes e todas as perfeições. Como os fins dessa associação não podem ser obtidos em muitas gerações, torna-se uma parceria não só entre os vivos, mas também entre os mortos e os que hão de nascer.

Apesar de Burke não ser amplamente conhecido como um contratualista, é preciso reconhecer que esta passagem carrega uma ideia bastante profunda de contrato. Se faz necessário lembrar que Burke escreve essa obra como forma de

---

“progressista”, compreende aquela visão de que é possível mediante a criação de leis e regulamentações moldar a natureza humana e buscar um Estado em que as injustiças sociais serão plenamente corrigidas e todos viveremos num paraíso terreno. A visão progressista acredita que seja possível o aperfeiçoamento do Estado e da natureza humana através de leis, as quais seriam os únicos meios para isso. Lembrando que, ao passo que o termo liberal em sentido clássico é tradicionalmente colocado no espectro político da chamada “Direita”, o liberal em sentido progressista, norte-americano é colocado no espectro da “Esquerda”.

manifestar sua visão negativa em relação à Revolução Francesa, pelo fato de já antever os eventos trágicos, a exemplo do período do terror.

O aspecto cético contido na passagem acima se encontra, justamente na passagem que apresenta sua ideia de “contrato”. Por Burke encarar o Estado como uma associação com fins que só podem ser obtidos a longo prazo, essa associação é uma parceria entre os vivos, os mortos e os que ainda nascerão. Esse é o fato notório que coloca Edmund Burke como pai do *Conservadorismo* ao escrever essa obra, pois, dizer que o Estado é uma associação entre vivos, mortos e os que ainda irão nascer significa dizer que, nós vivos, temos o dever de preservar, ou, conservar para as gerações que estão por vir, as heranças deixadas pelos mortos, ou antepassados, reconhecidamente positivas para a boa condução da vida em sociedade. Dentre essas heranças poderíamos colocar instituições como a justiça, a ordem e a liberdade.

É preciso preservar tudo aquilo que se conquistou, muitas vezes à duras penas, e se mostrou benéfico à condução da vida e da espécie, pelas gerações passadas, para que hoje, os vivos, por meio de projetos racionalistas de Estado, não queiram substituir tudo por algo totalmente novo, na esperança abstrata de que seja melhor que o tradicional já tentado. Os conservadores trabalham com a ideia de que, pelo fato de que algo seja novo, não significa que seja melhor que aquilo que já foi testado, tentado e se mostrou viável, apesar de não ser perfeito.

De fato, quando Burke afirma que há uma associação entre os vivos, os mortos e os que ainda nascerão, está querendo dizer, justamente, que a legitimidade do pacto está no fato de que este é herdado, na perspectiva de que aqueles que nos precederam procuraram no ato da firmação deste pacto, os melhores interesses disponíveis para si mesmos, para sua comunidade e descendência, buscando conservar para a posteridade, as instituições herdadas dos antepassados, que melhor dirigiram suas vidas e sociedade. Portanto, é digna de nota a importância dada por Burke ao herdado<sup>2</sup>. Burke apela recorrentemente à cautela, repetidas vezes afirmando que uma sociedade que se pretenda avançar, deve ser capaz de se conservar naquilo que há de bom e respeitável<sup>3</sup>. E, nesse sentido, considera-se o conservadorismo como um tipo de filosofia sobre o vínculo afetivo, pois, nos sentimos sentimentalmente conectados àquilo que amamos e desejamos proteger contra a decadência (SCRUTON, 2016).

---

<sup>2</sup> Cf. BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. Tradução, apresentação e notas de José Miguel Nanni Soares. São Paulo: EDIPRO, 2014, p. 113-114. “Mas um dos principais e mais importantes princípios sob o qual a nação e as leis são consagradas consiste na precaução que se deve ter para que aqueles que têm o usufruto temporário e são inquilinos vitalícios, indiferentes com o que tenham recebido de seus ancestrais ou com o que se deve transmitir à posteridade, não ajam como se fossem os mestres absolutos; não pensem que entre os seus direitos estejam o de interromper ou dilapidar a herança, destruindo, a seu bel-prazer, todo o edifício original de sua sociedade, arriscando deixar para os que vierem depois deles nada além de ruínas no lugar de uma habitação – e ensinando esses sucessores a ter por suas obras um respeito tão grande quanto o que eles tiveram em relação às instituições de seus antepassados.”

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 44. “Um Estado sem meios para mudar, não tem meios para se conservar.”. Essa passagem nos ajuda a escapar da velha e repetida crítica de que o pensamento conservador é antimudança ou contra toda e qualquer inovação. O pensamento ou mentalidade conservadores é contra a mudança pela mudança, ou a inovação pela inovação.

### 3. Ceticismo e as virtudes e princípios do conservadorismo

É afirmado que, de acordo com KIRK (2013, p. 98): “Ser ‘prudente’ significa ser judicioso, cauto, sagaz. [...] no estadista, a prudência é a primeira das virtudes. Um estadista prudente é aquele que olha antes de se lançar; que tem visão de longo alcance, que sabe que a política é a arte do possível.”. É crucial para esse debate, ressaltar o trecho final da citação, de “[...] que a política é a arte do possível”, ou seja, a política está no campo das coisas que são factíveis contrariando a política como arte imaginativa ou utópica.

O ceticismo e anti-racionalismo de Russel Kirk (1918 – 1994) se apresenta muito claramente ao tratar da virtude da prudência como grande aspecto a ser observado pelo estadista e a política tratada como a arte das coisas que são realizáveis em detrimento das que não o são.

Kirk nos apresenta dez princípios conservadores, os quais majoritariamente notam-se claramente céticos – *i*) o conservador acredita que há uma ordem moral duradoura; *ii*) o conservador adere aos costumes, à convenção e à continuidade; *iii*) os conservadores acreditam no que se pode chamar de princípio da consagração pelo uso; *iv*) os conservadores são guiados pelo princípio da prudência; *v*) os conservadores prestam atenção ao princípio da variedade; *vi*) os conservadores são disciplinados pelo princípio da imperfectibilidade; *vii*) os conservadores estão convencidos de que a liberdade e a propriedade estão intimamente ligadas; *viii*) os conservadores defendem comunidades voluntárias, da mesma forma que se opõem a um coletivismo involuntário; *ix*) o conservador vê a necessidade de limites prudentes sobre o poder e as paixões humanas e *x*) o conservador razoável entende que a permanência e a mudança devem ser reconhecidas e reconciliadas em uma sociedade vigorosa.

Acreditar numa ordem moral duradoura é o mesmo que crer em - assim como a natureza humana é constante, as verdades da moral são *permanentes*<sup>4</sup>. Aderir aos costumes, à convenção e à continuidade significa dizer que quando os conservadores defendem os costumes, a convenção e a continuidade, o fazem por preferirem conviver com o mal que conhecem ao mal que não conhecem.<sup>5</sup> O princípio da consagração pelo uso nada mais é que a anuência dada à moral, à política ou ao gosto, pela sabedoria antiga, ou dos antepassados, pois, há sabedoria na espécie humana, apesar de qualquer mesquinho raciocínio individual.<sup>6</sup> Ser guiado pelo princípio da prudência é ser guiado por aquela, que segundo Burke, concordando com Platão, era a maior das virtudes de um estadista. Significa, entre outras coisas, agir somente após cuidadosa e suficiente reflexão.<sup>7</sup> O princípio da variedade discorre sobre a preferência racional dos conservadores em conviverem com uma desigualdade natural entre os seres humanos, do que suportarem um igualitarismo sufocante gerado por sistemas radicais.<sup>8</sup> Ser disciplinado pelo princípio

<sup>4</sup> Cf. KIRK, Russel. **A Política da Prudência**. Tradução de Gustavo Santos e Márcia Xavier de Brito; Apresentação à edição brasileira de Alex Catharino; introdução de Mark C. Henrie; estudos anexos de Bruce Frohnen, Gerhart Niemeyer e Edward E. Ericson Jr. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 105.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 106.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 107.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 107.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 108.

da imperfectibilidade significa pura e simplesmente compreender a natureza humana como sendo imperfeita, logo, incapaz de realizar projetos políticos e de sociedade utópicos e revolucionários. Pois, para Kirk, pelo fato de o homem ser imperfeito, é impossível que possa ser criada uma ordem social perfeita.<sup>9</sup> O fato de estarem, os conservadores, convencidos de que a liberdade e a propriedade estão intimamente ligadas, quer dizer que só há propriedade privada, onde há liberdade para posse, ou seja, onde o Estado garante e protege os frutos do trabalho, sendo estes também propriedade daquele que trabalha e é livre para assim fazê-lo. Sendo que Liberdade, conforme Quinn (2014) como sabiam Roepke<sup>10</sup> e Adam Smith, vem com limites e são esses limites que nos libertam, e é nesse sentido que Edwards (2003) ressalta o fato do triunfo do conservadorismo repousar em grande medida nos últimos 50 anos, naquilo que se tem chamado de “liberdade ordenada”. Defender comunidades voluntárias e opor-se a coletivismos involuntários é afirmar a adesão do conservador em associações cooperativas livres em oposição aos coletivismos forçados, pois, é a execução de nossos deveres em comunidade que nos ensina valores úteis como a prudência, a eficiência e a caridade.<sup>11</sup>

O fato de o conservador ver a necessidade de limites prudentes sobre o poder e as paixões humanas não significa que este os quer eliminar, mas tão somente, que não deposita fé ou confiança cegas na benevolência humana e crê que restrições por meio da constituição, de freios e contrapesos políticos, um cumprimento adequado das leis e restrições sobre a vontade e o apetite são tensões saudáveis entre as pretensões da autoridade e as pretensões da liberdade.<sup>12</sup> E, por fim, dizer que o conservador razoável entende que a permanência e a mudança devem ser reconhecidas e reconciliadas em uma sociedade vigorosa, é dizer que, apesar da péssima propaganda progressista de que o conservador é inimigo de melhorias sociais, o verdadeiro fato é, como muito bem apontado pelo próprio Kirk (2013, p.111): “O conservador sabe que qualquer sociedade saudável é afetada por duas forças, que Samuel Taylor Coleridge (1772 – 1834) chamou de permanência e progressão.”. Portanto, dentro dos próprios princípios conservadores está salvaguardada a ideia de progresso ou mudança. Porém, o que o conservador não deseja é o progresso irrefletido e sem moderação, pois, para o conservador, a progressão consistiria naquele espírito ou mentalidade que almejam a reforma e melhoria prudentes.<sup>13</sup> É nesse sentido que Andreasson (2014) afirma que o conservadorismo pode ser considerado como uma abordagem que procura gerenciar ou administrar a mudança e preservar a tradição. Por isso, justamente no sentido de relacionar ceticismo e anti-racionalismo que, de acordo com Fuller (2018, p. 16): “O ‘ceticismo’ em questão acha a experiência humana tão vasta e complexa

---

<sup>9</sup> Ibid., p. 108.

<sup>10</sup> “Wilhelm Röpke dedicou sua carreira acadêmica a combater o coletivismo na teoria econômica, social e política. Como estudante e proponente da Escola Austríaca, contribuiu para sua estrutura teórica e visão política, alertando para os perigos da consolidação política e ressaltando a conexão entre cultura e sistemas econômicos. Mais do que qualquer outro austríaco de seu tempo, ele explorou os fundamentos éticos de uma ordem social baseada no mercado”. (RITENOUR, Shawn. Biography of Wilhelm Röpke (1899 – 1966) Humane Economist. 2012. Disponível em: <<https://mises.org/library/biography-wilhelm-röpke-1899-1966-humane-economist>>. Acesso em: 08/10/2017. Tradução nossa).

<sup>11</sup> KIRK, Russel, op. cit., p. 110.

<sup>12</sup> Ibid., p. 111.

<sup>13</sup> Ibid., p. 112.

que nenhum plano para ordenar e reconstruir as atividades humanas poderia ter sucesso.

#### 4. Ceticismo e Natureza Humana

Cumpra analisarmos a ideia de natureza humana sob o prisma do ceticismo conservador. Para Thomas Sowell (1930 – ), a visão de estado de natureza ou natureza humana, pode ser de dois tipos, a saber, aquilo que este denominou de visão *restrita*<sup>14</sup> e visão *irrestrita*.<sup>15</sup> Sowell utiliza como figura representativa da visão restrita, *Adam Smith*<sup>16</sup>, o qual, em vez de lamentar a clara natureza imperfeita e procurar alterá-la, busca proceder da melhor forma dentro dessa limitação, sem gastar energias para mudar o curso dessa natureza. Porém, do outro lado, na visão irrestrita, a referência principal é *William Godwin*<sup>17</sup>, em que conforme a descrição de Sowell (2012, p. 29): “[...] o homem era capaz de sentir diretamente as necessidades das outras pessoas como mais importantes do que as suas próprias e de agir, portanto, de forma imparcial, mesmo quando estavam presentes seus próprios interesses ou os de sua família”. Apesar deste reconhecer haver um comportamento egocêntrico no ser humano, não significava que esta conduta era natural ou que não pudesse ser alterada.

É fácil perceber que visão restrita e visão irrestrita de natureza humana, referem-se, fundamentalmente, à forma como concebemos os limites do que a natureza humana pode ou não alcançar em termos de avanços morais, sociais e políticos na busca pelo aperfeiçoamento da sociedade. E nesse sentido, claramente Sowell faz uma crítica quanto ao fato de que os conflitos ideológicos têm forte raiz na forma de concebermos a natureza humana, em que, de um lado, reserva-se o direito a trabalhar com o material humano que se tem à disposição, e que, apesar de não ser o ideal, é o único de que se dispõe. Do outro lado, tem-se a pretensão de que é possível moldar a natureza humana que, apesar de reconhecidamente possuir traços egocêntricos, não precisa de incentivos psíquicos ou econômicos para agir da forma correta, como pensava *Adam Smith*, mas necessita tomar conhecimento de soluções, como afirma *William Godwin*, para fazer o certo, inclusive, contrariando interesses pessoais e familiares. É nesse sentido que, ao descrever a “*política da fé*”, no que tange ao papel do governo, que viemos a saber, conforme *Oakeshott* (2018, p. 59): “A função do governo, portanto, é entendida como o controle e a organização da atividade humana com o propósito de alcançar a sua perfeição”.

De outro modo, teríamos de um lado, uma concepção ou tradição de pensamento que emergiu na suspeita do homem consigo mesmo, a saber, o ceticismo e, do outro lado, uma tradição que acredita na possibilidade de redenção

---

<sup>14</sup> Cf. SOWELL, Thomas. **Conflito de visões: origens ideológicas das lutas políticas**. Tradução de Margarita Maria Garcia Lamelo. São Paulo: É Realizações, 2012, p. 24–28.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 28–30.

<sup>16</sup> A obra utilizada por Sowell para explicitar sua definição de visão restrita de Natureza Humana, é a obra “*The Theory of Moral Sentiments (1759)*” de *Adam Smith*. Nessa obra *Smith* descreve a natureza humana como sendo essencialmente limitada em sentido moral, em grande medida voltada para o egocentrismo, porém, se corretamente incentivada, pode vir a agir da maneira adequada.

<sup>17</sup> A obra de *William Godwin*, utilizada nesse caso pelo autor, para o exemplo de visão irrestrita de Natureza Humana, é o famoso “*Enquiry Concerning Political Justice*”, obra publicada em 1793 na Inglaterra.

desse mesmo homem, pelo fato de sua tendência a ir em direção a uma melhoria infinita.<sup>18</sup>

A crença no fato de que a natureza humana é passível de aprimoramento contínuo até o estágio da perfeição, deriva da dificuldade e incômodo, conforme Scruton (2015) em aceitar as recomendações imperfeitas contidas nos costumes e no senso comum, ansiando um outro tipo de futuro, em que as antigas formas de compromisso não sejam mais exigidas, assim, os otimistas inescrupulosos acreditam que as desordens da humanidade podem ser superadas por um tipo de ajuste ou refinamento em larga escala. Scruton (2015) nos convida a observar as vantagens de se ter um olhar pessimista, no sentido filosófico, sobre a realidade, como visão restrita ou cética no que tange a natureza humana e o que essa natureza pode alcançar em termos de melhoria, em nível individual ou coletivo.

Sowell possui um estudo, em que, buscou, através de pesquisa, encontrar uma resposta para o impacto ou efeito, de fato, em países em que foi implementado o sistema de cotas raciais, as chamadas *Ações Afirmativas*. Sowell apresenta um vasto estudo produzido em países como Índia, Malásia, Sri Lanka, Nigéria e Estados Unidos.

Com relação às políticas de *Ação Afirmativas*, Sowell acredita que em boa parte dos países, essas políticas se transfiguraram em formas de produzir benefícios relativamente pequenos para poucos e problemas bastante expressivos para a sociedade como um todo. Sendo que, tanto os defensores quanto os críticos a essas *Ações* tenderam a superestimar os benefícios que foram transferidos.<sup>19</sup>

Fator importante nesse quesito é o modo como se entendem as ações a serem tomadas para a resolução dos problemas sociais, a saber, aqueles que pretendem promover uma completa mudança nas formas de se fazer política e enxergar a sociedade, crendo que suas ideias farão a sociedade prosperar, são sempre chamados de *revolucionários*. Porém, os que se levantam em oposição a essas atitudes revolucionárias, por temerem que exageros possam ser cometidos, são chamados *reacionários*. Muitos são aqueles que rotulam conservadores de reacionários, pelo fato de o reacionário insurgir-se contra uma postura revolucionária, já que o conservadorismo é anti-utópico. Porém, esse rotulo não é correto. O reacionário não passa de um “revolucionário do avesso”, pois, ao contrário do revolucionário que intenta um projeto de felicidade utópico com vistas ao futuro, o reacionário pretende implementar um projeto de felicidade utópico para o passado (COUTINHO, 2016).

E é nessa direção que, o *conservadorismo político*<sup>20</sup>, rejeita, nega os apelos do pensamento utópico, sejam eles provenientes de revolucionários ou reacionários. Pode-se afirmar isso com base no fato de o conservadorismo entender o potencial de violência e desumanidade que a maneira utópica de ver o mundo carrega, e,

---

<sup>18</sup> Cf. AMED, Fernando. **Thomas Sowell: Da obrigação moral de ser cético**. São Paulo: É Realizações, 2015, p. 56.

<sup>19</sup> Cf. SOWELL, Thomas. **Ação afirmativa ao redor do mundo: um estudo empírico sobre cotas e grupos preferenciais**. Tradução de Joubert de Oliveira Brízida. São Paulo: É Realizações, 2016, p. 219.

<sup>20</sup> Cf. COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários**. São Paulo: Três Estrelas, 2016, p. 26.



nesse sentido, o conservadorismo reagirá de forma defensiva contra os utopismos<sup>21</sup>. É nesse sentido que Kirk (2016) comenta que Burke detestava abstrações políticas, não sendo amado pelo sujeito paranoico por uniformidade igualitária impessoal na sociedade, tampouco pelo entusiasta por mudança ou revolução permanente.

### Considerações finais

Tendo em vista os aspectos observados, é justo anuímos que alguns dos principais elementos a comporem a perspectiva conservadora é o ceticismo e o anti-racionalismo político. O conservador observa com muitas ressalvas projetos utópicos de sociedade. Prefere mudanças ou progressos lentos e graduais, de modo que não prejudiquem as conquistas históricas da humanidade. Opta por reformas pontuais e cuidadosas, em detrimento de projetos revolucionários.

Conforme o próprio Oakeshott nos faz saber, desde a modernidade, os polos em que a política europeia tem gravitado – e poderíamos estender essa análise à boa parte do mundo ocidental – encontram-se entre a política da fé e a política do ceticismo. Naquela, acredita-se de forma otimista na capacidade da razão em empreender melhoras ininterruptas no arranjo social e político, por outro lado, nesta, não se nutrem grandes esperanças na capacidade de aperfeiçoamento, preferindo uma moldura política em que o poder seja esvaziado, permitindo maior protagonismo nos diversos agentes sociais, não apenas na política ou no Estado. Pois, para Oakeshott, em *A política da fé e a política do ceticismo (2018)*, o político possui sempre determinado campo de visão e certa variedade de oportunidades; o que ele pode contemplar, desejar ou tentar está sujeito aos limites históricos de cada situação. Essa é uma perspectiva bastante clara da visão cética e contrária ao racionalismo político, pois, os limites da ação política estão circunscritos aos limites históricos. Não se pode transcender o prisma histórico em troca da tentativa de um ajuste ou cálculo racional que possa trazer perfeição, desconsiderando todos os avanços e melhoras conquistados ao longo da trajetória humana.

\* \* \*

### REFERÊNCIAS:

- AMED, Fernando. **Thomas Sowell: Da obrigação moral de ser cético**. São Paulo: É Realizações, 2015, 104p.
- ANDREASSON, Stefan. **Conservatism**. In: V. Geoghegan, & R. Wilford (Eds.), *Political Ideologies: An Introduction*. 4th. ed. London: Taylor and Francis, 2014. p. 47-70.
- BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. Tradução, apresentação e notas de José Miguel Nanni Soares. São Paulo: EDIPRO, 2014, 255p.

---

<sup>21</sup> Cf. COUTINHO, João Pereira. 2016, loc. cit.

COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários.** São Paulo: Três Estrelas, 2016, 127p.

EDWARDS, Lee. **The Origin of the Modern American Conservative Movement.** Heritage Lectures. In: The Heritage Foundation. Washington, DC. No. 811, p. 1–8, Nov. 2003.

FULLER, Timothy. **Introdução.** In: OAKESHOTT, Michael. **A política da fé e a política do ceticismo.** Tradução de Daniel Lena Marchiori Neto. 1ª Ed. São Paulo: É Realizações, 2018, p. 10 – 27.

OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo.** Tradução de André Bezamat. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016, 194p.

\_\_\_\_\_. **A política da fé e a política do ceticismo.** Tradução de Daniel Lena Marchiori Neto. 1ª Ed. São Paulo: É Realizações, 2018, 232p.

KIRK, Russell. **A Política da Prudência.** Tradução de Gustavo Santos e Márcia Xavier de Brito; Apresentação à edição brasileira de Alex Catharino; introdução de Mark C. Henrie; estudos anexos de Bruce Frohnen, Gerhart Niemeyer e Edward E. Ericson Jr. São Paulo: É Realizações, 2013, 495p.

QUINN, Dermot. BACEVIC, Andrew J. et al. **The Essence of Conservatism.** USA: The American Conservatism, 92p. 2014.

RITENOUR, Shawn. **Biography of Wilhelm Röpke (1899 – 1966) Humane Economist.** 2012. Disponível em: <<https://mises.org/library/biography-wilhelm-roepke-1899-1966-humane-economist>>. Acesso em: 08/10/2017.

SCRUTON, Roger. **O que é conservadorismo.** Tradução de Guilherme Ferreira Araújo. São Paulo: É Realizações, 2015, 327p.

\_\_\_\_\_. **As vantagens do pessimismo: e o perigo da falsa esperança.** Tradução de Fábio Faria. São Paulo: É Realizações, 2015, 208p.

\_\_\_\_\_. **Como ser um conservador.** Tradução de Bruno Garshagen; revisão técnica de Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações, 2016, 292p.

SOWELL, Thomas. **Conflito de visões: origens ideológicas das lutas políticas.** Tradução de Margarita Maria Garcia Lamelo. São Paulo: É Realizações, 2012, 278p.

\_\_\_\_\_. **Ação afirmativa ao redor do mundo: um estudo empírico sobre cotas e grupos preferenciais.** Tradução de Joubert de Oliveira Brízida. São Paulo: É Realizações, 2016, 272p.

\_\_\_\_\_. **Intellectuals and Society.** Revised and enlarged edition. New York, NY: Basic Books, 2011, 669p.